

# Bendito “Apagão Florestal”

**T**em-se falado muito sobre esse problemão para a economia brasileira, que é a possível escassez de madeiras de florestas plantadas, mais especificamente as provenientes das espécies de *Eucalyptus* e *Pinus*. O assunto tem merecido destaque nas mídias falada e escrita, a ponto de muitos cidadãos e produtores já se mostrarem ansiosos com o tema. O “apagão florestal” – como foi batizado – está ocorrendo hoje por não termos plantado ontem as necessárias e suficientes florestas para suportarem, com suas madeiras, o nosso desenvolvimento atual, quer industrial, quer do consumo da sociedade (que as usa como lenha e nas construções). A situação não é caótica, mas é preocupante. Resumidamente, segundo a SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura –, estão sendo plantados atualmente 250 mil hectares anuais de florestas, quando deveriam ser 500 mil. Resultado: já está faltando madeira de *Pinus* para a indústria e logo poderá faltar a de *Eucalyptus*.

Por que razão chegamos a isso, em um setor vitorioso em nível econômico, quer brasileiro ou global? Será que os indicadores não nos apontavam isso? Ou nos descuidamos? Ou, como no caso da Araucária, deixamos para reagir depois que o estrago estava feito? Por que será que a sociedade industrial e agrícola brasileira não se mobilizou para evitar ter de consumir madeiras de florestas cada vez mais jovens para suprir esse déficit? Estamos hoje consumindo algumas de nossas poupanças acumuladas pelo crescimento das árvores plantadas no passado e que ainda não estariam prontas para consumo, especialmente no caso do *Pinus*. O que acontecerá alguns anos mais à frente? Como estaremos em 2010? Haverá tempo de se arrumar a casa? Quem ganhará e quem perderá com isso?

Vamos tentar entender quais as causas que nos levaram a isso, pois elas são diversas e de múltiplas responsabilidades. Algumas são de exclusiva

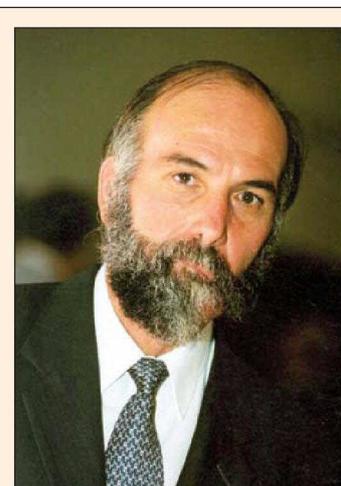
responsabilidade dos usuários e compradores de madeira, outras são do governo, algumas, do produtor rural, e outras, da própria sociedade, em cujo seio sempre tivemos abrigados opositores ferrenhos contra o plantio de florestas de espécies exóticas. Segregando-se isso, ficaríamos assim:

#### Causas devidas a governos:

- Falta de política florestal e setorial de longo prazo, promovendo o plantio, tanto pelas grandes empresas como por agricultores de qualquer porte, pequenos, médios ou grandes;
- Modelo institucional governamental tipicamente ambientalista e pouco orientado à produção de madeira para fins industriais, principalmente dentro do órgão responsável pelos incentivos, legislação e fiscalização florestal;
- Burocracia complexa e atemorizante, deixando os agricultores apreensivos quanto ao futuro de seus investimentos;
- Falta de financiamentos para plantios florestais, que são atividades de retorno no longo e médio prazo (*Pinus*: 20 anos, *Eucalipto*: 7 anos);
- Legislação ambiental complexa e restritiva para as plantações.

#### Causas ligadas aos produtores rurais:

- Falta de tradição e tecnologia florestal para alcançar altas e lucrativas produtividades;
- Falta de capital;
- Visão não muito clara sobre as melhores combinações entre agricultura tradicional, zootecnia e plantações de florestas, de forma a se maximizar a produção da propriedade rural. A consequência era a competição pelas áreas dentro da própria fazenda, sempre ganhando as atividades mais tradicionais como pastagens, agricultura de grãos, etc.;
- Imagem ruim das plantações florestais quanto aos possíveis e imaginados impactos que poderiam trazer ao solo, regime de águas, biodiversidade e ambiente global. Falta de conhecimento de como minimizar os impac-



SÉRGIO SANTORIO

#### Celso Foelkel

É vice-presidente da ABTCP e consultor da Grau Celsius/Celsius Degree  
[www.celso-foelkel.com.br](http://www.celso-foelkel.com.br)  
 email: [celso@abtcp.org.br](mailto:celso@abtcp.org.br)

[www.celso-foelkel.com.br/artigos5.html](http://www.celso-foelkel.com.br/artigos5.html)

tos e alavancar “melhorias” ao invés de “piorias” para a fazenda;

- Risco alto envolvido, pois, ao plantar, o agricultor não tinha garantias de que teria madeira suficiente ao final do ciclo para fazer render seus investimentos. Havia, inclusive, o temor de que seria impedido de colher a floresta pelo órgão fiscalizador ou pela burocracia;
- Desconhecimento de preços e de mercados.

#### Causas ligadas às empresas de base florestal:

- Domínio, mas não transferência, durante muito tempo, da tecnologia e do material genético superior. Muitas empresas limitaram-se a fomentar florestas com cessão gratuita de mudas obtidas de sementes (caso do eucalipto) e alguma pouca orientação técnica, e nada mais. O risco acabava todo com o produtor rural, que, temeroso, não mergulhava na idéia. Outras vezes, arriscava plantar, mas ganhava pouco, ao invés “da esperada fortuna que aquela poupança lhe traria”;
- Expansão florestal durante os anos 70 a 90 foi quase toda controlada pelas gran-



des empresas, que se protegiam com o quase auto-abastecimento. Sobrava pouco espaço para os plantios de terceiros. Com isso, o mercado era pequeno, o preço era baixo e não se falava em madeira de alto valor agregado para produtos sólidos como serraria, móveis, etc.;

- Preço desestimulante pago pela madeira da floresta plantada, em geral comprada em pé e com remuneração ao produtor muito aquém de suas expectativas, como já mencionado;
- Competição da madeira tanto para produtos industrializados como para biomassa florestal, quando essa começou a substituir com vantagens o caríssimo óleo combustível ou gás natural;
- Desperdícios na colheita e manuseio, chegando a valores de 5 % ou mais em muitas empresas;
- Falta de integração na cadeia produtiva de produtos florestais. Sobras de madeiras de serraria, por exemplo, que poderiam ser úteis para fabricação de celulose, ou viravam pilhas fantásticas como lixo, ou eram simplesmente queimadas como biomassa;

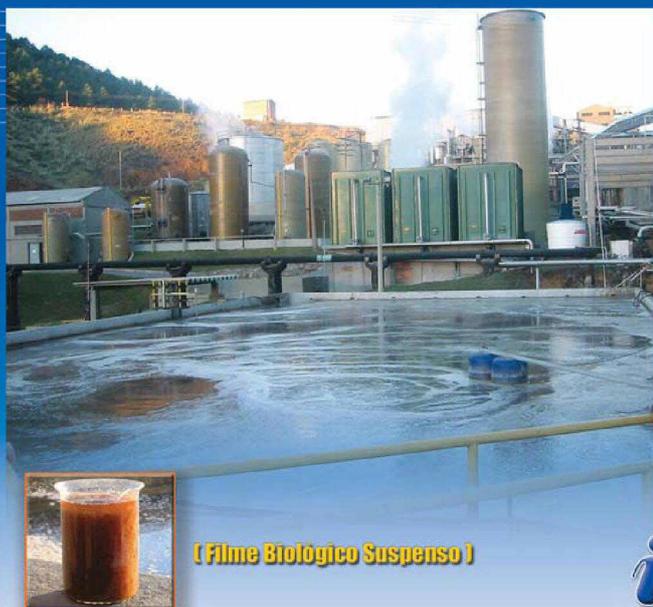
Todas essas causas, entre outras, acabaram nos conduzindo ao apagão florestal. Mas, então, por que o “bendito apagão”, que é o título dessa coluna? Simplesmente porque o ser humano é movido por incentivos ou ameaças. Como faltaram incentivos nessas duas últimas décadas, a ameaça está fazendo o Brasil se mexer rápido. E somos bons nisso. De longe, convivemos e vencemos crises. Essa será mais uma a vencer. Governo, empresas, associações de classe, bancos de desenvolvimento, agricultores, universidades e engenheiros agrônomos e florestais, todos agitados e agilizados. Bonito ver essa correria toda.

Afinal, temos a melhor tecnologia florestal e os melhores materiais genéticos produtivos de *Eucalyptus* do planeta. Não há dúvidas sobre isso – o reconhecimento é mundial. Em relação ao *Pinus*, nos inserimos também entre os melhores, junto com Chile, Nova Zelândia e sul dos Estados Unidos. Há outras alternativas como as acácias, a bracinga e até mesmo a fantástica

*Araucaria angustifolia*. Resultado: o que perdemos nessas duas décadas já estamos recuperando. A burocracia e a legislação florestal estão se modernizando e agilizando. Bancos oficiais já abrem linhas de crédito agrícola/florestal. As empresas de base florestal fomentando como nunca, entregando à sociedade rural suas tecnologias, seus clones e até mesmo antecipando pagamentos aos produtores por conta das produções em futuro mais longínquo. Desde o fenômeno dos incentivos fiscais ao reflorestamento, entre os anos 60 e 70, que não se via tanta agitação no setor florestal. Preços melhores para a madeira excitam os produtores rurais, que enxergam mais atrativos no negócio de plantar árvores. A tecnologia florestal atual é inquestionavelmente mais amiga do meio ambiente, baseada na sustentabilidade e na produtividade futura do sítio. Isso tem sido enxergado pela sociedade.

Bendito apagão. A sociedade humana realmente se move por incentivos e ameaças. O setor florestal também. ▲

# TRATAMENTO DE EFLUENTES SISTEMA F.B.S.



( Filme Biológico Suspenso )

**Elimina a necessidade de grandes lagoas de lodo ativado**

**O tempo máximo de residência do efluente é de 24 horas**

**Fazemos conversões em plantas existentes**

### Outros Produtos

Lavadores de Gases - Plantas de Evaporação - Incineradores de Gases - Abafadores de Chamas - Revestimentos “Overlay” em digestores e outros equipamentos

**ipe**

**industrial process engineering**

Escritório: Av. N. Sra. de Fátima, 467 - Sl. 2 - Jd. Monte Serrat - CEP: 06717-210 - Cotia - SP

Fone: (55.11) 4616.1723 - Fax: (55.11) 4616.7082 - E-mail: info@ipe-group.com.br

Fábrica: Rua Silo Simões, n.162 - São João - Sertãozinho - SP - CEP:14177-140 - Fone/Fax: (55.16) 3945.9450